

## Que Eu Seja a Última: resenha sobre o livro de Nadia Murad

### The Last Girl: review about Nadia's Murad book

Marcela Bittencourt Brey<sup>1</sup>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

**Resumo:** Por meio da presente resenha, pretende-se refletir sobre os esforços da ex-escrava sexual *yazidi* e autora da autobiografia *Que eu seja a última: minha história de cárcere e luta contra o Estado Islâmico*. Seus atos permeiam, desde a perseguição criminal internacional dos ex-membros do grupo terrorista Estado Islâmico, até a sua influência na prevenção e tentativa de mitigação dos efeitos da violência sexual relacionada ao conflito armado. A obra da autora transpassa a condição e trajetória de mulher *yazidi* livre à vítima de escravidão sexual, e de refugiada – vítima sobrevivente – à ativista de direitos humanos. Os documentos oficiais, como resoluções e relatórios produzidos pela ONU e Parlamento Europeu, bem como, artigos e outras fontes de pesquisa consultadas, conferem pertinência a narrativa apresentada no livro. Hoje, Nadia Murad é uma das vozes que ecoam no globo não somente em prol de punição dos membros do Estado Islâmico. Também atua em parceria com organizações não governamentais num viés mais centrado na vítima sobrevivente. O *Murad Code Project* pretende evitar a repetição das experiências narradas no livro e pode ser uma influência ética voltado às boas práticas dos estados no enfrentamento da violência sexual relacionada aos conflitos armados.

**Palavras-chaves:** Estado Islâmico – gênero – *Yazidi* – Escravidão sexual – Conformidade.

**Abstract:** Through this review, it purposes to reflect on the efforts of the Yazidi rape victim, slave, and author of the autobiography *The last girl: my story of prison and struggle against the Islamic State*. Her actions range from the international criminal prosecution of fighters members of the Islamic State terrorist group to her influence in preventing and trying to mitigate the effects of sexual violence related to armed conflict. The author's work transposes the condition

---

<sup>1</sup> Mestra em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito da USP, Pós-graduanda em Compliance na área da saúde, Advogada. <https://orcid.org/0000-0002-5867-6965>, ID Lattes: 5492134261028151, E-mail: [marcelabbrey@gmail.com](mailto:marcelabbrey@gmail.com)

and trajectory of a free Yazidi woman to a victim of sexual slavery, and from a refugee – surviving victim – to a human rights activist. Official documents, such as resolutions and reports produced by the UN and the European Parliament, as well as articles and other research sources consulted, give relevance to the narrative presented in the book. Today, Nadia Murad is one of the voices that reverberate across the globe not only in favor of accountability members of the Islamic State. It also works in partnership with non-governmental organizations in a more victim-surviving bias. The Murad Code Project intends to avoid the repetition of the experiences narrated in the book and can be an ethical influence focused on the good practices of the states in facing sexual violence related to armed conflicts.

**Keywords:** Islamic State- gender – Yazidis – Sexual Slavery – Compliance.

---

## 1. Introdução

Nadia Murad é a autora do livro *Que eu seja a última: minha história de cárcere e luta contra o Estado Islâmico*. Ela pertence a uma minoria étnico religiosa chamada *yazidi*. Na condição de ex-escrava sexual e atualmente Embaixadora da Boa Vontade do Escritório das Organizações das Nações Unidas sobre drogas e crimes (UNODC) para dignidade e sobreviventes do tráfico humano e ganhadora do prêmio Nobel da Paz em 2018,<sup>1</sup> a ativista de direitos humanos tem ganhado relevância no cenário internacional. Devido ao seu engajamento como ativista e por meio de sua organização sem fins lucrativos *Nadia's Initiative*, esforços são vistos no auxílio a reconstrução de comunidades afetadas em decorrência dos conflitos armados e dos crimes praticados pelo Estado Islâmico, principalmente nas localidades situadas próximas de sua terra natal, Sinjar, norte do Iraque.

Por meio de sua trajetória, pode ser observado que Nadia Murad também têm se apresentado frente aos estados internacionais com uma postura mais assertiva, especialmente no que tange como eles têm agido no enfrentamento da violência sexual relacionada ao conflito armado. Sob o recorte da violência de gênero e a sua relação com crimes de terrorismo e tráfico

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://www.unodc.org/unodc/en/press/releases/2018/October/unodc-executive-director-congratulates-unodc-goodwill-ambassador-nadia-murad-on-nobel-peace-prize.html>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

de pessoas, esse tipo de violência pode não ser um fato novo. Todavia, as consequências desse tipo de violência sejam no âmbito local ou global é um ponto que não pode ser desprezado.

É que cada vez mais, as sociedades estão interconectadas, ou seja, apesar dos crimes praticados pelo Estado Islâmico terem ocorrido em regiões do Iraque e da Síria, a partir de 03 agosto de 2014,<sup>2</sup> seus reflexos foram sentidos na comunidade internacional como um todo. Em virtude das perseguições sofridas, inúmeras pessoas foram vítimas de migração forçada.

Nadia Murad, ao ter sido exposta a condições totalmente adversas – a escravidão sexual –, por ter sobrevivido aos piores tipos de violências que uma pessoa pode sofrer, pela coragem ao expor sua história, pela ânsia de buscar justiça e reparação ao seu povo, é considerada uma inspiração de vida.

A obra apresenta o prefácio da advogada especialista e ativista de direitos humanos, Amal Clooney, que também auxiliou a dar publicidade aos fatos que devastaram a vida de Nadia Murad, de sua minoria étnico religiosa – *yazidi* –, bem como de outras minorias residentes naquela região.

O prefácio, apesar de curto, demonstra-se capaz de causar impacto ao seu leitor ou a sua leitora, porque justamente, em apenas três páginas, ele consegue salienta a importância e relevância da obra no enfrentamento da violência sexual relacionada ao conflito armado.

É salientado o momento em que elas se conheceram pessoalmente, oportunidade em que Amal ouviu a história da própria Nadia pela primeira vez. Na ocasião, inclusive, viu as marcas e cicatrizes no corpo da autora, fruto das violências, queimaduras e espancamentos sofridos. Nadia Murad descreveu os fatos e como o rumo de sua vida havia sido alterado no momento que o Estado Islâmico invadiu sua vila, transformando os *yazidis* em prisioneiros. Aqueles que se convertessem a religião do islã teriam as vidas poupadas; todavia, nem todos se converteram e assim testemunhou: a morte de inúmeros *yazidis*, a escravidão sexual das incontáveis meninas e mulheres *yazidis*, o trabalho forçado dos homens, o treinamento militar dos meninos e o extermínio de seu povo. A maioria dos *yazidis* foi jogada em valas comuns.

Amal Clooney ainda enfatiza a transformação de Nadia Murad: de órfã a sobrevivente; de vítima de violência sexual à líder *yazidi*; de escrava à defensora das meninas e mulheres

---

<sup>2</sup> A delimitação temporal e a perseguição religiosa por razões de gênero aqui abordadas, constituem-se essenciais nessa resenha, visto que o Estado Islâmico realizou o cerco e invadiu a vila no qual Nadia Murad habitava e das regiões vizinhas no fatídico dia 03 de agosto de 2014.

*yazidis*; de refugiada à Embaixadora da Boa Vontade das Nações Unidas. Ela ainda ressalta que: enquanto escrevia o prefácio, o Conselho de Segurança das Organizações das Nações Unidas – ONU – havia criado uma equipe de investigação com o fim de coletar provas e evidências dos crimes praticados pelo Estado Islâmico no Iraque.

Nadia Murad tem sido, na atualidade, a voz de inúmeras outras vítimas – meninas e mulheres *yazidis* –, ex-escravas sexuais, que lutam não somente pela punição dos algozes. Muitas visam reencontrar ainda familiares desaparecidos ou ainda ter somente a identificação dos restos mortais de seus entes queridos, com o fim de oferecer o sepultamento digno. Outras buscam reparação, ao passo que algumas também esperam reconstrução de sua comunidade. Todavia, independente dos aspectos centrados em punição, reparação ou reconstrução, as mulheres e meninas *yazidis* esperam o investimento pelas autoridades locais e internacionais no campo da prevenção, para que o cenário experimentado não mais se repita.

E é nesse rumo que a autora da obra, aqui, explorada, pode ser uma influência à seara do *Compliance* voltado à antiviolação sexual. O projeto propõe colocar a vítima da violência sexual relacionada ao conflito armado no centro do cuidado e esse agir ético é ressaltado no *Murad Code Project*. O projeto, cuja iniciativa é consultiva e de abrangência global, é destinado aos estados, para que estes fomentem melhores práticas. E, ao implementá-lo, podem auxiliar as vítimas sobreviventes e as sociedades como um todo.

O *Murad Code Project* leva o nome de Nadia Murad, de forma a reconhecer a sua luta pelo respeito dos direitos humanos das vítimas sobreviventes. O objetivo é trazer o bem-estar da vítima no centro dessa questão. Não basta buscar punições. De forma que, ao mesmo tempo, o Código não serve somente a coletar testemunhos ou registrar as experiências das vítimas, mas a amparar investigações e documentar de forma segura e ética.

Portanto, tendo já realizado as apresentações da autora do livro desta resenha e de sua trajetória, e não sendo o presente artigo sobre o projeto *per se*, mas sim sobre o livro em português, discorrer-se-á, a partir de então, sobre a obra e descrição de seus capítulos.

## 2. Apresentação do livro Que eu seja a última: minha história de cárcere e luta contra o Estado Islâmico

A obra, em português, é uma autobiografia, publicada no ano de 2019 pela Editora Novo Século, com sede em São Paulo. Tem trezentos e trinta e cinco páginas, possui mapa da região

norte do Iraque dos meses de agosto-setembro de 2014 – época da conexão dos crimes praticados pelo Estado Islâmico com os fatos narrados pela autora –, prefácio, epílogo, fotos em preto e branco, bem como glossário. O livro é dividido em três partes: a primeira possui dez capítulos; a segunda, doze; ao passo que a terceira possui onze capítulos. Na ficha catalográfica do livro não há informação sobre a tiragem de exemplares.

Em que pese essa resenha apresente o livro em português, a obra conta com a edição anterior em inglês, todavia, ambas descrevem os direitos autorais reservados à organização sem fins lucrativos de Nadia Murad, a *Nadia Initiative*. A obra em inglês foi publicada em 2017 pela editora Tim Duggan Books, com sede em Nova Iorque. Recebe o título *The last girl: my story of Captivity, and my Fight Against the Islamic State*. Possui ISBN 978-1-5247-6044-1 e está disponível na versão ebook ISBN 978-1-5247-6045-8, todavia, apresenta trezentos e nove páginas. Igualmente a versão em português, contém mapa da região norte do Iraque dos meses de agosto-setembro de 2014, prefácio, epílogo e uma pequena nota ao final sobre a autora. É dividida em três partes. Diferentemente da versão em português, as fotos se encontram inseridas na segunda parte e não ao final da obra, além disso, são coloridas. Não possui glossário.

Especificamente, quanto à linguagem da obra, a autobiografia é escrita em primeira pessoa do singular, o que denota a narrativa das experiências e fatos vividos por ela, ou seja, Nadia Murad é a autora da obra mas conta também com a participação, em conjunto, da jornalista Jenna Krajeski. A obra foi traduzida para o português por Henrique Guerra e, em ambas as versões, o livro é dedicado a todos os *yazidis*.

De modo que, tendo apresentado a autora da autobiografia, a relevância dela e da obra, passar-se-á, a partir dos próximos pontos, a abordar, de forma sucinta, a descrição das partes e capítulos da obra publicada em português.

Como mencionado anteriormente, a primeira parte da obra possui dez capítulos. Nas páginas 17-112, podem ser vistos com detalhes, aspectos da vida íntima da autora, onde são mesclados, a partir de sua narrativa, variados contextos que vão desde o aspecto familiar, religioso, social, político e econômico do local onde ela vivia: uma pequena vila rural localizada ao norte do Iraque, em Kocho, Sinjar, próximo da região de Nínive. O local, a partir do dia 03 de agosto de 2014, foi o palco dos diversos crimes praticados pelo Estado Islâmico, que, munido de uma campanha terrorista e militar, visou estabelecer o seu Califado, uma espécie de sociedade islâmica homogênea.

Em 2014, a autora, *yazidi*, tinha 21 anos de idade, era estudante do último ano do ensino médio, solteira, virgem, órfã de pai, filha caçula de uma família numerosa de oito irmãos e duas irmãs. Por meio de sua narrativa, vislumbra-se fortes laços familiares e com apego, em especial, ao laço materno. Sua mãe era presente. As memórias de experiências com sua mãe também são trazidas pela autora.

Por outro lado, a ambientação do leitor ao contexto social, econômico e político do Iraque, também é muito explorado pela autora. Descreve que muito embora os *yazidis* sejam uma minoria étnica presente em regiões rurais do Iraque, tendo seus ancestrais, grande parte deles, agricultores e pastores nômades, não tem sido raro observar ao longo da história, a tentativa de extermínio desse grupo, que, por falar a língua curda, eram associados como inimigos do Estado. Mas, eles não são curdos, são *yazidis*. Eles também sofreram influência do processo de arabização, encabeçado pelo ex-ditador sunita Saddam Hussein, tanto que a autora aprendeu a língua árabe na escola pública. Note-se que aqui, o oferecimento somente da educação estatal.

A autora ainda ressalta que na escola, pouco se ouvia sobre sua identidade, sua religião e a história de seu povo. As aulas de história não mencionavam os *yazidis*. A negação por árabes e curdos em relação a identidade étnica dos *yazidis* e o respeito a sua crença religiosa, também são apontados pela autora como uma antiga tensão existente. Esse fato também pode ser alimentado pela tentativa de tomada e disputa histórica pelo território que os *yazidis* ocupavam. É que Kocho está situado no limite sul da região de Sinjar, e é considerado um local com riquezas naturais, em especial, gás natural. O local é disputado e já foi reivindicado por Bagdá e pelo Curdistão. Estrategicamente, Kocho ainda está próximo de Mossul – considerada a segunda maior cidade do Iraque – e da Síria.<sup>3</sup>

O contexto político abordado desde a ocupação norte americana no Iraque em 2003 e os movimentos insurgentes que surgiram, também são explorados pela autora. Ela até ressalta que apesar das distinções entre os árabes mulçumanos, curdos e *yazidis*, e ao longo das gerações – séculos – desde o controle otomano e a sua perda, a partir da colonização britânica, até mesmo com o próprio governo do ditador Saddam Houssein, havia amizade entre esses distintos grupos. Essa situação perdurou até a ocupação norte-americana.

---

<sup>3</sup> MURAD, 2019, p. 55.

Mas, a partir do momento em que os grupos radicais insurgiam à ocupação norte-americana, e com a prisão de iraquianos, até mesmo da detenção do próprio ditador Saddam Hussein pelos americanos, narra o surgimento e o desenvolvimento do terrorismo. De modo que os *yazidis* passaram a conviver com ataques a civis, com combates cada vez mais acirrados, com preconceitos e ódios disseminados inclusive contra o seu próprio povo. Viram as aldeias vizinhas compostas de sunitas começar abrigar extremistas. Esses sunitas começaram a denunciar cristãos, mulçumanos não sunitas aos extremistas que os consideram *kuffar*, ou infiéis, e de tal sorte, sob a percepção religiosa do grupo radical, mereciam ser assassinados, caso não se convertessem a religião do islã.

Aspectos da religião dos *yazidis* são trazidas pela autora, em especial no segundo capítulo. De modo que os *yazidis* não se casam com outra pessoa que não pertença ao seu grupo étnico; não há conversão ao *yazidismo*; a poligamia é permitida e um dos aspectos ressaltados, pela aceitação social, é o fato de que maior número de descendentes visa garantir a sobrevivência da família, cujo trabalho depende exclusivamente do campo, consistente no cultivo da agricultura, criação de ovelhas e cabras.

Sob o ângulo das crenças professadas pelos *yazidis*, podem ser aqui mencionados: a vida após a morte; no solo sagrado do vale onde situa o templo em Lalish; o monte Sinjar é associado à montanha que protege os *yazidis*; acreditam na reencarnação, em Deus e em outras divindades como o anjo Tawusi Melek; oram virados ao sol; alguns *yazidis* não usam a cor azul por considerá-la sagrada, visto que Tawusi Melek ao vir a terra assumiu a forma de pavão azul; o dia de descanso não é o sábado dos judeus ou a sexta-feira dos mulçumanos, mas a quarta-feira. Não possuem um livro escrito.

O ataque pelo Estado Islâmico e o cerco, que durou cerca de duas semanas, ao vilarejo da autora – Kocho –, é trazido a partir do sexto capítulo. Narra que apesar do cerco, aviões sobrevoavam a área. Ela e sua família tinham esperanças dos *yazidis* serem resgatados pelos norte-americanos. Todavia, expressa a sua frustração diante da impotência de outras forças militares, como os curdos, e da sensação de abandono dos *yazidis* pelos norte-americanos. Ressalta que a tomada de Sinjar foi fácil, visto que não tinham tropas americanas e os *peshmergas* – força militar do Curdistão iraquiano –, como já mencionado, não defenderam os *yazidis*, devido à ausência de armamento e pessoal para enfrentar o Estado Islâmico.

Mesmo durante o cerco, a autora e sua família viram pelos noticiários da mídia local que os norte-americanos estavam enviando tropas para proteger a sua embaixada em Erbil. Essas mesmas tropas auxiliaram alguns dos *yazidis* que estavam encurralados no Monte Sinjar, sem água e sem alimento.

O êxito do grupo radical contou, também, com o auxílio de aldeias árabes sunitas, que acolheram os extremistas e que se incorporaram ao Estado Islâmico. Dentre as ações realizadas para o cerco de Kocho, menciona-se: o bloqueio das estradas; o saqueamento dos imóveis e dos rebanhos. Com o abandono dos *peshmergas* das bases militares, os postos de controle permaneceram sob o domínio dos extremistas, de modo que, facilmente conseguiram encurralar os *yazidis*.

Durante a invasão, o Estado Islâmico concedeu prazo para que os *yazidis* se convertessem a religião do islã, e caso assim o fizesse seriam prisioneiros. Mas, ao longo do cerco, destruíram pequenos templos localizados próximos da montanha, Monte Sinjar, ao tempo em que realizaram a execução em massa de todos os que tentavam fugir. Homens e mulheres idosas, em especial, eram jogados em valas comuns. Os meninos, foram aliciados e treinados para se tornarem soldados – criança soldado –, enquanto, as meninas e mulheres eram sequestradas para se tornarem escravas sexuais.

A primeira parte da obra é finalizada com a apresentação do ultimato do Estado Islâmico aos *yazidis*, momento em que a autora narra que os extremistas obrigaram todas as famílias a caminharem até a escola local, num trajeto curto, mas angustiante e debaixo de sol quente. Ressaltou que já fazia dias que eles não tomavam banho, não se alimentavam direito, não se cumprimentavam e não sorriam como de costume.

A segunda parte da obra se inicia com a narrativa da autora, descrevendo a sistematização da operação do grupo radical na escola. Nesse momento, as ações são colocadas em prática. Inicialmente, os homens são separados das mulheres, obrigados a permanecer no pátio da escola para posteriormente subirem na caçamba nas picapes. Um ponto em especial precisa ser aqui mencionado: como os extremistas separavam aqueles que consideravam crianças, dos adolescentes e dos homens. O critério era verificar se o menino tinha pelo nas axilas; em caso positivo, ele deveria subir na caçamba das picapes, juntamente com os outros homens e adolescentes; sendo negativo, deveria voltar à escola onde estavam as meninas e mulheres.

Enquanto as mulheres e crianças ficavam no segundo andar da escola, aguardavam, amedrontadas o seu destino. Nas salas foram obrigadas a colocar os seus pertences, como celular, joias e identidades num saco. Algumas delas se espremiavam para ver pela janela, o que sucederia aos homens que entravam nas picapes. De repente, ouviram os gritos dos extremistas mandando os homens fazerem fila e depois ouviram rajadas de tiros. Os homens executados foram jogados em valas comuns. Gritos e choros inundaram o local até que foram silenciadas pelas ameaças dos extremistas. O som de uma escavadeira foi ouvido e elas imaginaram que os extremistas estavam tapando a vala de terra.

A autora relata que ao entardecer, estava quase escuro quando as picapes voltaram e estacionaram na frente da escola, ocasião em que as mulheres e as meninas foram obrigadas a subirem nos veículos. Elas foram conduzidas a Solagh, e ali permaneceram na escola conhecida como Instituto Solagh. A autora narra que ainda naquele momento estava com suas irmãs e sobrinhas. Menciona ainda que se lembra de qual picape a mãe dela estava e de como era a sua aparência. Com traços perceptíveis de vulnerabilidade, apresentando semblante abatido, a autora viu sua mãe ser empurrada por um terrorista aos gritos, devido a dificuldade e a lentidão de locomoção apresentada pelas mulheres mais idosas. Ainda assim, a autora relata que sua mãe foi em direção ao seu encontro e repousou a cabeça em seu colo. Os extremistas ainda gritavam forçando-as a tirarem o lenço das cabeças. Separaram as mulheres por faixa etária – idosas, jovens solteiras e casadas com filhos –, mantiveram presas em salas até o momento em que foram obrigadas a entrarem em ônibus e vans. Elas saíram rumo a Mossul.

O terceiro capítulo é dedicado a trazer minúcias das violências sofridas no ônibus, desde a coação moral, violências físicas, tapas, toques nos seios, bem como exposição forçada de sua imagem. Os extremistas tiraram foto de cada escrava sexual. Ameaçavam as mulheres e meninas alegando que em caso de tentativa de fuga, a foto da fugitiva estaria exposta nos postos de controle, e assim, seriam capturadas novamente, visto que os locais eram dominados pelos extremistas.

Do quarto ao décimo primeiro capítulo da obra, a autora narra o período em que permaneceu como escrava sexual. Relata, desde o momento em que chegou a Mossul, a descrição do local onde foi conduzida, as violências sofridas, desde as queimaduras de cigarro, tapas, cuspes, a conversão – ao islã – e o casamento forçado com o seu proprietário, quando foi vendida no mercado de escravas e as incontáveis vezes que foi estuprada. E, como forma de

castigá-la por ter sido surpreendida em meio a uma fuga, seu proprietário, após tê-la estuprado, também permitiu que seis de seus guardas assim o fizessem. De forma que a autora narra que desmaiou, enquanto ocorria o estupro coletivo. Tendo em vista tamanha violência sofrida, somente acordou na manhã seguinte, sozinha, nua e não conseguia se mexer.<sup>4</sup> A segunda parte da obra é finalizada quando a autora finalmente consegue fugir.

A terceira parte da obra se inicia com as lembranças sobre a avaliação da autora acerca da opção de fugir ou não do cativeiro. O seu novo proprietário havia saído para comprar abaias novas, uma espécie de vestimenta preta que cobria o corpo inteiro da mulher, as quais o grupo radical obrigava as mulheres usarem. Não fazia muito tempo que havia sido interceptada em meio a sua fuga, mas isso não a impediu de tentar novamente. Para sua surpresa, a porta da frente da casa estava destrancada, mas ela não fugiu por ali. A fuga foi exitosa devido aos seguintes motivos, por ela apontados: se certificou de que não tinham extremistas na rua naquele momento, porque era início do anoitecer e era o horário das rezas da mesquita do bairro, assim, as ruas estavam vazias. De tal sorte que ela pulou o muro e continuou em frente.

Nessa parte da obra ainda é trazido: os pensamentos que passavam na cabeça da autora enquanto decidiu seguir andando pelas ruas de Mossul; como decidiu escolher a casa escura devido à ausência de corte de fornecimento de energia elétrica, promovido forçadamente em algumas delas pelo grupo radical, fato que chamou a sua atenção, e por isso se sentiu encorajada a bater no portão clamando por ajuda, mesmo correndo o risco de ser denunciada por quem lhe atenderia; o auxílio e hospitalidade da família sunita pobre que não lhe denunciou e como esse ponto foi essencial para o êxito de sua fuga, visto que esse auxílio importou no risco iminente de morte por colaborarem com a autora e participarem ativamente da fuga, facilitando inclusive o contato com os familiares dela.

O chefe da família fez contato com o irmão da autora, que conseguiu documentos falsos para serem usados durante o trajeto da fuga; se comunicou com taxistas e contrabandistas, que se aproveitavam da vulnerabilidade das escravas sexuais em fuga, e chegavam a cobrar até US\$ 10.000 para levá-las a uma região que não estivesse sob o domínio do grupo radical. É ressaltado, pela autora, que essa família sunita era pobre e por isso não conseguiram deixar sua casa até a invasão de Mossul pelo Estado Islâmico. Todavia, se comprometeram e não mediram

---

<sup>4</sup> MURAD, 2019, p. 190-193.

esforços para auxiliar a autora, tendo em vista que não concordavam com as ações do grupo extremista.

Ainda, é relatado o encontro com alguns de seus familiares, em campo de refugiados, e o refúgio da autora na Alemanha.

### 3. Conclusão

O livro *Que eu seja a última: minha história de cárcere e luta contra o Estado Islâmico*, apesar de ser uma autobiografia, pode-se verificar que a narrativa dele possui aderência com outros documentos de relevo, tais como: o relatório – A/HRC/32/CRP.2 – da Comissão Internacional Independente de Inquérito sobre a Síria, do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas, de 15 de junho de 2016 intitulado *They came to destroy: ISIS Crimes Against the Yazidis*,<sup>5</sup> e a Resolução 2016/2529 (RSP) do Parlamento Europeu, exarada no dia 04 de fevereiro de 2016.<sup>6</sup> Em ambos os documentos, reconheceu-se as violações de direitos humanos por prática de crime de genocídio, crimes de guerra e crimes contra a humanidade. É válido ressaltar que, nesses documentos, são mencionados relatórios produzidos por outras organizações não governamentais, que contaram com a narrativa de outras vítimas.

Além do mais, a autora não é a primeira vítima *yazidi* a escrever uma autobiografia contando os detalhes de sua escravidão. Farida Khalaf também decidiu trazer sua história ao público no livro *The Girl Who Escaped ISIS: This is My Story* publicado em 2016. De modo que as narrativas da autora se entrelaçam com outras experiências documentadas em relatórios ou em autobiografias, coadunando-se na veracidade dos fatos que desencadearam discussões no seio do Direito Internacional dos Direitos Humanos e do Direito Internacional, quanto a aplicação ou não de tratados internacionais, no que tange a apuração da responsabilização penal.

Tendo em vista a ânsia pela responsabilização do Estado Islâmico, a autora da autobiografia por muito tempo defende a apreciação dos crimes pelo Tribunal Penal Internacional, tendo em vista que, sob à ótica do Estatuto de Roma, os crimes são considerados de guerra, contra a humanidade e de genocídio, diante da intenção do Estado Islâmico

---

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/A\\_HRC\\_32\\_CRP.2\\_en.pdf](https://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/A_HRC_32_CRP.2_en.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2019.

<sup>6</sup> Disponível em: <[https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2016-0051\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2016-0051_EN.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2020.

exterminar o povo *yazidi* ao estabelecer o Califado. Mas, o caso dos *yazidis* não foi apreciado pelo Tribunal Penal Internacional. Um dos entraves alegados foi a ausência de ratificação do Estatuto de Roma pelo Iraque ou pela Síria. Outro fato que, também, mereceu destaque na comunidade internacional, foi a não submissão ao referido Tribunal pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Esse pedido não ocorreu, muito embora haja a possibilidade – caso assim compreendam – que se trata de violação expressa ao Capítulo VII da Carta das Nações Unidas.<sup>7</sup>

A obra também dialoga com outros autores dos mais variados campos, sejam eles do jornalismo, acadêmicos da ciência política, especialistas islâmicos, ou ainda em segurança internacional, institutos de monitoramento de atos terroristas em prol da segurança global, que se dedicaram a pesquisar sobre o fenômeno do *jihadismo*, do islã político, e dos efeitos dos discursos de ódio na perseguição religiosa por razões de gênero. Portanto, esse diálogo reforça a pertinência do livro de Nadia Murad, visto que as informações narradas do fato que devastou a sua vida são corroboradas por outras fontes e documentos oficiais, como citado anteriormente.

Em relação ao diálogo da obra de Nadia Murad com outras de cunho jornalístico, podem ser mencionadas as obras de Susan Shand, *Sinjar: 14 Days that saved the yazidis from Islamic State*, onde a autora se debruçou a trazer elementos do cerco que o Estado Islâmico fez ao redor da vila de Kocho, em Sinjar; ao passo que a obra de Patrick Cockburn, *A origem do Estado Islâmico: o fracasso da “Guerra ao Terror” e a ascensão jihadista*, e a obra de Michael Weiss e Hassan Hassan, *Isis: Inside the army of terror*, dialogam com aspectos sobre o nascimento do grupo radical, a insurgência, a ocupação norte-americana, o desenvolvimento do grupo, bem como aspectos inerentes aos treinamentos militares, o *jihadismo* e a forma de atuação do Estado Islâmico.

E, justamente, sobre os aspectos do nascimento do grupo radical e o desenvolvimento dele, a obra de Nadia Murad também dialoga com o acadêmico Ahmed S. Hashim, onde o professor especialista em estudos de guerra, traz em seu artigo *The Islamic State: From Al-Qaeda Affiliate to Caliphate*, acurada pesquisa, quanto a elementos históricos, políticos e sociais do surgimento do grupo radical, em especial, as fases do grupo, desde o nascimento

---

<sup>7</sup> Para maior aprofundamento desse assunto, sugere-se a leitura do artigo *NADIA MURAD E O ESTADO ISLÂMICO: O PRINCÍPIO DA JURISDIÇÃO UNIVERSAL E SEU INFLUXO NO CARÁTER UNITÁRIO DO DIREITO INTERNACIONAL CONTEMPORÂNEO*, disponível em In: Gênero, etnia e sexualidade: políticas públicas e judiciárias, vol. 2, 2022.

dele, as bases de sua ideologia e o seu desenvolvimento. O estudo foi produzido no auge do estabelecimento do Califado.<sup>8</sup>

Sobre a obra de Nadia Murad dialogar com acadêmicos, sejam da ciência política ou na seara dos estudos islâmicos, pode-se observar simetria dos aspectos fundamentalistas trazidos por Nadia Murad, quanto a percepção religiosa do islã pelo Estado Islâmico, na obra do professor Graeme Wood, *A guerra do fim dos tempos: o Estado Islâmico e o mundo que ele quer*, e em vários estudos da professora Christine Schirrmacher, a exemplo do *Political Islam: When Faith Turns Out to Be Politics*.<sup>9</sup> Note-se, que as obras retro citadas também se entrelaçam com as obras citadas no parágrafo anterior, mas aqui há destaque para o conteúdo ideológico explorado pelo grupo, visto que ele faz uso da religião como forma de dominação política de seus adeptos.

A obra de Nadia Murad também dialoga com relatórios produzidos por institutos e universidades, como pode ser observado no estudo *A demographic documentation of ISIS's attack on the Yazidi village of Kocho*, da The London School of Economics and Political Science, que tentou identificar todas as vítimas do Estado Islâmico, por regiões, histórico e apresentam simetria de informações trazidas do fato ocorrido e narrado por Nadia Murad. Já o *Mapping Militant Organizations* produzido pelo *Center for International Security and Cooperation (CISAC)*, da Universidade de Stanford se debruçou a apresentar estudo sobre as fases de nascimento, desenvolvimento e declínio do grupo, de acordo com a cronologia histórica que se entrelaça as experiências narradas por Nadia Murad.

E, por fim, cabe ainda mencionar, que a obra de Nadia Murad também contribuiu para a pesquisa que culminou na produção de dissertação de mestrado da pesquisadora que escreve essa resenha, com a qual, obteve a aprovação e conclusão do programa de pós-graduação em Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, em setembro de 2022. Tendo escolhido como metodologia o estudo de caso, a pesquisadora fez uso, além da autobiografia, de livros, artigos acadêmicos, periódicos, documentos oficiais – sejam relatórios ou resoluções produzidos no seio da ONU, da União Europeia, e de suas agências a exemplo,

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/mepo.12096>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

<sup>9</sup> Disponível em:

<[https://www.bucer.de/fileadmin/dateien/Dokumente/Buecher/WEA\\_GIS\\_16\\_Christine\\_Schirrmacher\\_-\\_Political\\_Islam.pdf](https://www.bucer.de/fileadmin/dateien/Dokumente/Buecher/WEA_GIS_16_Christine_Schirrmacher_-_Political_Islam.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2020.

da EUROJUST –, de relatórios produzidos por outras organizações não governamentais sem fins lucrativos, leis, filmes, documentários, notícias veiculadas por canais de imprensa oficiais, de modo que, em conjunto, pode-se afirmar que eles confirmam os fatos narrados na autobiografia, de sorte que conferem maior robustez a narrativa trazida na obra objeto dessa resenha.

Portanto, a contribuição do livro e atuação de Nadia Murad frente aos estudos sobre vitimização e violência de gênero é valorosa. Atualmente, lançado em 13 de abril de 2022, sob os holofotes da guerra da Ucrânia, Nadia Murad participou dos debates abertos do Conselho de Segurança da ONU. Na ocasião ressaltou a importância de documentar a violência sexual relacionada aos conflitos armados, e que tal omissão pelos Estados é antiético, porquanto não estão de acordo com os padrões mínimos de conformidade, pois podem, ainda, expor as vítimas e os sobreviventes aos mais diversos tipos de violações de direitos humanos. O *Murad Code Project* foi pensado na coleta das informações das violações desses crimes a partir da vítima, ou seja, é centrado na vítima sobrevivente e, portanto, toda a documentação, testemunhos, investigações e relatórios deverão ser pautadas a partir de suas perspectivas. No painel de lançamento do projeto, também foi discutido a elaboração de um Código de Conduta Global para documentar a violência sexual relacionada aos conflitos armados.<sup>10</sup>

Ainda que as consequências dos conflitos armados e grupos radicais fundamentalistas islâmicos possam soar como algo distante da realidade brasileira, a contribuição de Nadia Murad, principalmente fazendo uso do *Compliance* frente aos crimes sexuais e em questões de gênero no âmbito internacional, se mostra uma iniciativa audaciosa.

Podem ser mencionados os fatores que justificam a distância social brasileira de se pensar num contexto de conflito e cenário de guerra: o envio de seus filhos, maridos ao conflito, receio da perda de seus bens, receio de estar exposto as mais diversas condições de vulnerabilidade humana como a perda de sua moradia, escassez de alimentos e recursos naturais, agravamento de saúde, cárceres privados, tráfico de pessoas e condições análogas as de escravidão, sendo a sexual, ou conhecido como os estupros de guerra, os mais temidos pelas meninas e mulheres.

Diferentemente da realidade experimentada por Nadia Murad, e tentando estabelecer um paralelismo quanto à violência sexual e de gênero das mulheres no Brasil, pode-se afirmar

---

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://media.un.org/en/asset/k1m/k1mvxcabbs>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

que o contexto brasileiro apresenta números elevados de feminicídio e que elas estão expostas as mais diversas formas de violência, seja no âmbito doméstico ou não. Os números da violência afetam não somente a vítima, a sua família, mas também todo o seu entorno. As mulheres, muitas vezes, não conseguem trabalhar, ou se assim o fazem, não estão nas mesmas condições de saúde mental das mulheres não vitimizadas. Portanto, ou estão incapacitadas para o trabalho ou são impedidas de terem melhores condições de saúde mental, de acesso a capacitação profissional, de galgar posições de liderança – geralmente ocupadas por homens.<sup>11</sup>

A violência de gênero repercute, também, no espectro financeiro brasileiro. A violência de gênero, o enfrentamento dela e suas relações com o legado do patriarcado existente na sociedade brasileira, pode ser comparado, de forma simbólica, a uma ferida que parece resistir ao processo de estancamento necessário em meio ao processo de cicatrização e de cura das mulheres vitimizadas, essencial em meio a tentativa de recuperação econômica de um país emergente. Sob essa ótica, a violência também causa prejuízos financeiros e atrapalha o crescimento da sociedade brasileira. Portanto, caso não haja engajamento das autoridades como um todo, dificilmente essa realidade se alterará.

Seja sob o ponto de vista global, internacional e local, e considerando a importância da autobiografia de Nadia Murad, devido ao seu ativismo e a interlocução da autora com líderes políticos, religiosos, celebridades que estão engajados na proteção de direitos humanos, conclui-se que o *Murad Code Project* pode auxiliar nos estudos de vitimização de mulheres no Brasil. Todavia, se haverá o desejo de alinhamento as políticas públicas brasileiras aos padrões internacionais de conformidade – com a necessidade, inclusive, de mitigar os riscos das mulheres expostas a condições de vulnerabilidade – ainda é uma questão que merece maior pesquisa, aprofundamento teórico e dependerá, certamente, da governança pública<sup>12</sup> estabelecida.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <[https://forumseguranca.org.br/publicacoes\\_posts/violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-1o-semester-de-2022/](https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-1o-semester-de-2022/)>. Acesso em: 27 fev. 2023.

<sup>12</sup> Sobre o conceito de governança pública consulte o Decreto n.º 9.203 de 22 de novembro de 2017: Art. 2º Para os efeitos do disposto neste Decreto, considera-se:

I - governança pública - conjunto de mecanismos de liderança, estratégia e controle postos em prática para avaliar, direcionar e monitorar a gestão, com vistas à condução de políticas públicas e à prestação de serviços de interesse da sociedade. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9203.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9203.htm)>. Acesso em 27 fev. 2023.

#### 4. Referências

BRASIL. Decreto n.º 19.841 de 22 de outubro de 1945. Promulga a Carta das Nações Unidas, da qual faz parte integrante o anexo Estatuto da Corte Internacional de Justiça, assinada em São Francisco, a 26 de junho de 1945, por ocasião da Conferência de Organização Internacional das Nações Unidas. **Presidência da República. Casa Civil.** Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d19841.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm)>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BRASIL. Decreto nº 9.203 de 22 de novembro de 2017. Dispõe sobre a governança da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. **Presidência da República. Casa Civil.** Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9203.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9203.htm)>. Acesso em: 27 fev. 2023.

BREY, Marcela B. *Nadia Murad e o Estado Islâmico: o princípio da jurisdição universal e o seu influxo no caráter unitário do Direito Internacional contemporâneo*. In: PRUDENTE, Eunice A.; MARTORELLI, Adriana.; TORRES, Vivian (Orgs.). **GÊNERO, ETNIA E SEXUALIDADE: políticas públicas e judiciárias**. v.2, São Paulo: LiberArs., 2022.

EUROPEAN PARLIAMENT. Resolution 2016/2529 de 04 de fevereiro de 2016. Disponível em <[https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2016-0051\\_EN.pdf](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2016-0051_EN.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2020.

HASHIM, Ahmed S. onde no artigo The Islamic State: From Al-Qaeda Affiliate to Caliphate. In: **Middle East Policy**. [s.l.], v. XXI, ed.4, pp. 69-83, dec. 2014. Disponível em: In: Middle East Policy. [s.l.], v. XXI, ed.4, pp. 69-83, dec. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/mepo.12096>>. Acesso em: 08 jun. 2020.

MURAD. Murad Code Project. Disponível em: <<https://www.muradcode.com/#:~:text=The%20Murad%20Code%20project%20is,and%20conflict%2Drelated%20sexual%20violence.>> Acesso em: 22 abr. 2022.

MURAD, Nadia. **The last girl: my story of captivity, and my fight against the Islamic State.** New York: Tim Duggan Books, 2017.

MURAD, Nadia. **Que eu seja a última: minha história de cárcere e luta contra o Estado Islâmico.** Barueri: Novo Século Editora, 2019.

NADIA'S INITIATIVE. Disponível em: <<https://www.nadiasinitiative.org/news>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

NADIA'S INITIATIVE. Press Statement: Nadia Murad and Amal Clooney Speak Out on 7<sup>th</sup> Anniversary of Yazidi Genocide. **Nadia's Initiative.** 02 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.nadiasinitiative.org/news/press-statement-nadia-murad-and-amal-clooney-speak-out-on-7th-anniversary-of-yazidi-genocide>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

SCHIRRMACHER, Christine. *Political Islam: When Faith Turns Out to Be Politics.* In: BALDWIN, Ruth; JOHNSON, Thomas K. (Eds.). **The WEA Global Issues Series.** v. 16. Bonn: Verlag für Kultur und Wissenschaft Culture and Science Publ., 2016. Disponível em: <[https://www.bucer.de/fileadmin/dateien/Dokumente/Buecher/WEA\\_GIS\\_16\\_Christine\\_Schirmacher\\_-\\_Political\\_Islam.pdf](https://www.bucer.de/fileadmin/dateien/Dokumente/Buecher/WEA_GIS_16_Christine_Schirmacher_-_Political_Islam.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2020.

SHAND, Susan. **SINJAR: 14 days that saved the Yazidis from Islamic State.** Lanham: The Rowman & Littlefield Publishing Group, Inc., 2018.

STANFORD UNIVERSITY. CISAC. **Mapping Militant Organizations.** The Islamic State. 2019. Disponível em: <<https://cisac.fsi.stanford.edu/mappingmilitants/profiles/islamic-state>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

THE LONDON SCHOOL OF ECONOMICS AND POLITICAL SCIENCE. **A demographic documentation of ISIS's attack on the Yazidi village of Kocho.** 2019. Disponível em: <<http://eprints.lse.ac.uk/101098/>>. Acesso em: 18 out. 2020.

UNITED NATIONS. Human Rights Council. **They came to destroy: ISIS Crimes Against the Yazidis.** 15 jun. 2016. Disponível em <[http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/A\\_HRC\\_32\\_CRP.2\\_en.pdf](http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/CoISyria/A_HRC_32_CRP.2_en.pdf)>. Acesso em: 21 out. 2019.

UN WEB TV. Survivor-Centred Documentation of Conflict-Related Sexual Violence: The MURAD Code Project. **United Nations WEB TV.** 14 abr. 2022, 01:57:30. Disponível em: <<https://media.un.org/en/asset/k1m/k1mvxcabbs>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **ISIS: Inside the Army of Terror.** New York: Regan Arts, 2016.

WOOD, Graeme. **A guerra do fim dos tempos: o Estado Islâmico e o mundo que ele quer.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

YAZDA, NGO. Disponível em: <<https://www.yazda.org/about>>. Acesso em 30 ago. 2021.